

Cultura



Paulo de Campos

Trinta anos sem ela

Por Juarez Fonseca, Colunista do ABC
Crônica publicada na página 21 do
jornal ABC de domingo, 15.1.2012.

Elis vive

Não a conheci pessoalmente. O que lamento, pois teria sido especialmente emocionante. **Elis** marcou minha vida, assim como a de todos de minha geração e de muitas outras gerações. Numa "vitrolinha portátil azul" (que funcionava alimentada por oito pilhas grandes, que se gastavam em uma tarde) ouvíamos diariamente Elis e muitos outros grandes nomes da MPB e da bossa nova. Com eles aprendíamos a refinar nossos ouvidos para a qualidade e o bom gosto musical. Hoje, 19 de janeiro, faz 30 anos da morte de Elis que ainda está bem viva em nossas mentes e ouvidos. O jornalista **Juarez Fonseca** conviveu com ela, foi seu amigo pessoal. Agora, escreve esta crônica no Jornal ABC do Grupo Editorial Sinos e eu repasso a vocês que também ouvimos e ouvem; amaram e amam **Elis Regina**.



A FOTO DA CAPA. O projeto *Viva Elis* terá show de **Maria Rita**, lançamentos de discos e exposição. Esta foto é da mesma sequência da foto acima, de 1977

• Agora em março Elis completaria 67 anos. A mesma idade de Chico Buarque. Era seis meses mais velha que Gal, que depois de algum tempo de certa, digamos, instabilidade, acaba de lançar um dos grandes discos de sua carreira, *Recanto*, com todas as músicas inéditas assinadas por Caetano Veloso, que este ano comemorará 70 anos – assim como Gilberto Gil e Milton Nascimento. Também projetados por Elis, João Bosco e Aldir Blanc logo farão 66. Todos seguem em plena e criativa atividade. Como estaria hoje Elis, que morreu exatas três décadas atrás, em 19 de janeiro de 1982? Antes de mais nada, ela tinha apenas 36 anos e estava exercendo a plena potência de seus papéis de mãe, mulher, artista, cidadã. Como estaria hoje? Cabe recapitular setembro de 1981, quando estive pela última vez em Porto Alegre, com o show *Trem Azul*. Era sua primeira apresentação no Gigantinho e o público, pequeno para as dimensões do ginásio, no máximo três mil pessoas (onde cabem 15 mil). Ela estava tensa na entrevista do dia anterior no hotel, queixava-se daquele momento em que vivia uma situação maluca entre gravadoras. Devia um disco para uma (Warner), tinha lançado um disco por outra (EMI) e assinado contrato com uma terceira (Som Livre). Não entendo como teria se metido naquele imbrólio mais jurídico do que artístico. Me contou que no auge do rolo não podia nem ouvir a palavra "música". Que pensou em não gravar mais, em abrir um bar e cantar só para os amigos... Assim era Elis, que às vezes estava ótima, feliz, e às vezes ficava áspera, amarga. Ainda mais naqueles momentos em que o casamento de nove anos e dois filhos com César Camargo Mariano naufragara e ela buscava apoio no dvogado/namorado paulista que estava ao lado dela no hotel e no Gigantinho. Quatro meses depois, a morte absurda em São Paulo, por overdose acidental, pois não era Consumidora habitual de drogas. Nos muros do País espalha-se a frase "Elis vive". Os argentinos costumam fazer uma brincadeira



Fotografei Elis em 1977, ano da estreia nacional em Porto Alegre do show *Transversal do Tempo* - cuja inédita gravação ao vivo agora será lançada na íntegra, em álbum duplo



O colunista e a cantora na última entrevista, em 1981

quando alguém fala na morte de Carlos Gardel. "Ele não apenas não morreu, como canta cada vez mais", retrucam. O mesmo podemos dizer de Elis. Seus discos são a prova disso. Ouça-os. Ela continua cantando demais. Mas o que gravaria, se continuasse aqui? Apoiado em seus últimos discos e na disposição que manifestava, pedindo que lhe mandassem fitas, acredito que sem comprometer os provincianos mas como atenção de novidade, nos anos 80 ela se voltaria para os novos autores gaúchos. Sabia da força

da movimentação local e me pedia informações. Estava querendo novas expressões para lançar, como fizera nos anos 60 com Edu Lobo, Milton, Gil, nos 70 com Bosco e Aldir, Ivan Lins, Belchior... Já havia gravado *Pequeno Exilado*, no disco de Raul Ellwanger, e *Moda de Sangue*, de Jerônimo Jardim e Ivaldo Roque, ambas em 1980. Na última vez pediu que eu lhe enviasse fitas para São Paulo e que passasse seu endereço aos compositores. Acho que em sua pauta logo entrariam Nei Lisboa, Bebeto Alves, Nelson Coelho de Castro, Vitor Ramil, Kleiton & Kledir, Totonho Villeroy, Mário Barbará, Nico Nicolaiewsky, Humberto Gessinger, para ficar nos novos da época. Ao lado de Itamar Assumpção, Marina, Arnaldo Antunes, Cazuza, Renato Russo, Nando Reis, depois os novos dos anos 90, Ed Motta, Chico César, Zeca Baleiro, Vander Lee, os dos anos 2000 e assim por diante. Seguiria fazendo o que sempre fez, também gravando os nomes de sua geração e os mais antigos. Claro que tudo isso é teoria, mas a homenagem que eu poderia prestar a Elis é esta. Imaginando a continuidade do trabalho e concluindo que continuaria na frente. Além do mais, seria uma estrela internacional.

Maria Rita vai cantar Elis

No dia do aniversário de 67 anos de Elis, 17 de março, estreia em São Paulo a turnê do show de **Maria Rita** cantando somente músicas do repertório da mãe e que será apresentado também em Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio e Recife. O show integra o projeto *Viva Elis*, coordenado por seu filho mais velho, João Marcelo Bóscoli, que marca os 30 anos da morte da cantora e inclui lançamentos de discos inéditos, DVDs e uma exposição itinerante. O primeiro a sair será o álbum duplo *Transversal do Tempo*, com o roteiro integral do show que estreou no antigo Teatro Leopoldina, em Porto Alegre, em 17 de novembro de

1977, permanecendo três semanas em cartaz. A gravação ao vivo é de uma apresentação no Rio. Na época, o LP teve uma edição com 12 das 25 músicas do espetáculo. No segundo semestre, sairá em dois CDs a íntegra dos dois shows de Elis no Montreux Jazz Festival, em 1979. O LP lançado em 1982 teve apenas nove músicas. Responsável pela nova edição, o pesquisador Marcelo Fróes decidiu reproduzir em um CD a apresentação da tarde e no outro a da noite, mostrando a cantora cantando praticamente o mesmo repertório em situações distintas. Elis em Montreux virá também em DVD inédito.

Shirley Cabeleireira

Cabelos envelhecidos pelo tempo ou por agressões constantes, exigem tecnologia e eficiência para recuperar a vida e a beleza de seus cabelos, por isso o Salão de Beleza Shirley espera por você!



Av. Getúlio Vargas, 831(ao lado da Loja Clic Veículos)
Fones:(51) 3663 7854 / (51) 9992.5181